

Sur le journalisme – About Journalism – Sobre jornalismo
**Revista internacional de acesso aberto, revisada por pares,
publicada em formato digital e impresso**
<https://revue.surlejournalisme.com/>

Chamada para artigos
Jornalismo & extrema direita

Prazo para submissão de artigos: 1º de setembro de 2026

Responsáveis pela edição temática :

Thaïs Barbosa de Almeida, MICA, Université Bordeaux Montaigne, França

Samuel Bouron, IRISSO, Université Paris Dauphine, França

Safia Dahani, UTOPI, Sciences Po Toulouse, França

Embora o processo de banalização da extrema direita na França e no cenário internacional pareça bastante consolidado nas arenas eleitorais, o fenômeno ainda foi pouco estudado nos campos advéncios ao político, como o jornalístico (Kaciak, Klaus, 2024). Esses campos podem, no entanto, ajudar a compreender tanto as razões desta banalização quanto os processos propriamente *políticos* em jogo durante os ciclos eleitorais (Lehingue, Pudal, 2026). Esse é o tema desta edição especial da revista *Sobre jornalismo*, que, na confluência da sociologia do jornalismo e da mídia (Neveu, 2024), visa explorar o que a banalização da extrema direita faz às práticas de produção da informação. De modo mais amplo, os autores são convidados a investigar as recomposições dos espaços midiáticos, marcados pela crescente audiência de meios de comunicação cujas linhas editoriais podem ser consideradas reacionárias e conservadoras, bem como pelo surgimento de novos veículos, especialmente os *pure players* (Bouron, 2025), que se reivindicam como apoiadores da extrema direita.

Os processos de “direitização”, observados principalmente nos espaços de elite (Tiberj, 2024; Challier, 2023), contribuem para a reconfiguração dos espaços jornalísticos. De um lado, a institucionalização das extremas direitas nos Estados Unidos e na América Latina incentivou alguns atores midiáticos dominantes a assumir uma identidade política mais à direita (e, em alguns casos, à extrema direita). Isso inclui veículos como a Fox News, nos Estados Unidos (Kaiser *et al.*, 2019), a Jovem Pan, no Brasil (Marques, 2024), e a CNews, na França (Leveneur *et al.*, 2024). De outro lado, a plataformação da informação (Rebillard, Smyrniakos, 2019) estimulou o desenvolvimento de uma nova constelação de meios de comunicação alternativos na Europa (Haller *et al.*, 2019) e na América Latina, muitos dos quais estão, no mínimo, alinhados à direita política.

Esse tipo de mídia dita alternativa emprega jornalistas e parte deles et delas possui carteira profissional, vive de seu ofício e produz informações a priori legítimas, que circulam para além dos limites das páginas reacionárias, sendo inclusive retomadas por outros meios de comunicação (Lefébure *et al.*, 2024). Dessa forma, a mídia tradicional, inclusive a chamada progressista, pode ter

funcionado como espaço de legitimação e estruturação do capital político dos porta-vozes de diversos partidos de extrema direita, proporcionando-lhes uma audiência significativa, porém dissonante em relação às posições que ocupam no espaço partidário (Barbosa de Almeida 2022; Darras 2019, 2025; Dahani 2021).

Assim, em vez de se observar a produção de representações sociais potencialmente estigmatizantes a partir dos produtos finais (Berthaut, 2013), já bem documentados (Sécail, 2024), esta edição propõe uma abordagem mais internalista, focada nas condições de produção da informação nesses meios de comunicação. Isso a partir da sociologia (e sociografia) dos jornalistas ou produtores e produtoras de informação, passando pela cadeia de produção de conteúdos, com atenção especial às crenças profissionais, à divisão do trabalho jornalístico dentro das redações e às condições de financiamento dessas produções. Nesse sentido, esta chamada se inscreve na linha de pesquisa etnográfica sobre a produção de informação e a construção da profissão de jornalista em espaços midiáticos ainda pouco estudados, com foco em meios de comunicação de extrema direita com níveis de audiência diversos e modos de organização muito distintos, sendo apenas uma parte deles independente (Ferron, 2015).

Para entender esses fenômenos, esta edição está organizada em três eixos: (1) o espaço da mídia de extrema direita e a sociologia do trabalho jornalístico nessas redações; (2) a transformação do trabalho de cobertura da extrema direita nos outros polos do campo jornalístico; e (3) a apropriação das normas jornalísticas por polos de produção de informação digital da extrema direita.

Eixo 1: Trabalhar em redações inclinadas à extrema direita

O primeiro eixo tem como propósito estudar as carreiras jornalísticas daqueles e daquelas que atuam em veículos de comunicação inclinados à extrema direita. O que leva alguém a passar pelo menos uma fase da sua carreira em um meio de comunicação assim identificado? Será que é a continuação de uma experiência militante do passado ou uma proximidade ideológica construída no âmbito da família e do círculo próximo? Esses jornalistas consomem as notícias do próprio veículo para o qual produzem informação? Até que ponto se desenvolve toda a carreira nesses veículos ou é possível retornar a outros menos politizados? Essas redações proporcionam uma rápida ascensão profissional, facilitada pela menor concorrência no mercado de trabalho? Quais recursos os jornalistas desses meios de comunicação investem? Em outras palavras, em que condições o capital jornalístico adquirido nesses veículos é transferível para outros, em redações com posições distintas no espectro político? Nesse sentido, este eixo questiona as fronteiras entre os meios de comunicação politizados de extrema direita e os não politizados, bem como sua porosidade, ao analisar a mobilidade dos jornalistas no diferentes espaços midiáticos.

Eixo 2: A cobertura da extrema direita nas redações tradicionais

O segundo eixo convida a prolongar a reflexão, indagando as supostas transformações na cobertura midiática da “constelação” da extrema direita (Blee et al., 2024) nos polos tradicionais do campo jornalístico. Este eixo propõe focar nos perfis, trajetórias e práticas profissionais daquelas e daqueles cujo trabalho consiste em cobrir a extrema direita em redações já estabelecidas. Dessa forma, é possível concentrar-se nas mudanças estruturais das redações, especialmente das editorias

de política, em relação à cobertura das extremas direitas contemporâneas (especialização de repórteres, variação no número de jornalistas dedicadas/os, perfis socioprofissionais e lugar das/os jovens ingressantes na profissão, atratividade dos respectivos cargos, condições de acesso a fontes partidárias, desgaste no trabalho cotidiano). Ainda nessa direção, também se pode explorar a relação entre a sociografia das/os repórteres especializadas/os na cobertura deste campo político, suas condições de trabalho e a produção de narrativas midiáticas sobre a extrema direita (enquadramento, tratamento midiático específico, banalização ou despolitização).

Eixo 3: Como a extrema direita se reapropria das normas profissionais

O terceiro eixo parte da ideia de que a profissão de jornalista se caracteriza pela nebulosidade e porosidade de suas fronteiras externas (Ruellan, 2007). Essa definição permite que diferentes agentes, de diversos horizontes políticos, se reivindiquem como jornalistas. Surge, então, uma luta pela definição das normas profissionais, visando legitimar-se ao mesmo tempo em que se desqualificam as/os concorrentes, sobretudo no ambiente digital, onde páginas mimetizam a estética jornalística (Orso, Goulart Massuchin, 2025). Assim, pessoas que atuam em meios digitais de comunicação de extrema direita também reivindicam o direito de mobilizar técnicas jornalísticas e uma ética profissional a serviço de sua linha editorial. Em que medida essas produções conseguem se apropriar dos códigos jornalísticos para impor uma agenda política de extrema direita? Quais são, na prática, as formas simbólicas e os estereótipos narrativos (Neveu, 1993) mobilizados por esses meios de comunicação em suas produções? Como esses perfis digitais de extrema direita utilizam os marcadores de objetividade (cruzamento de fontes, checagem de informações, observação direta, entrevistas etc.)? São especialmente bem-vindos trabalhos que lançam luz sobre como as normas jornalísticas são utilizadas, ou mesmo simuladas, em páginas de extrema direita que se apresentam como jornalísticas. Por meio de quais mecanismos elas constroem uma narrativa, promovendo, em particular, a “polarização afetiva” (Iyengar, 2019)? Como desenvolvem um “outro” a partir de uma representação cristalizada e repulsiva, valorizando, em contrapartida, um “nós” positivo e mitificado (Froio, 2017; Gimenez e Voirol, 2017)? Como essas duas lógicas de enunciação se combinam?

Normas para submissão:

Os manuscritos completos (de 30 mil a 50 mil caracteres, incluindo espaços, notas de rodapé e referências) podem ser enviados até 1º de setembro de 2026 para slj@ulb.be, ou submetidos pelo site: <https://revue.surlejournalisme.com/slj/about/submissions>. No assunto da mensagem, solicita-se indicar para qual número temático o artigo está sendo submetido. Os manuscritos podem ser redigidos em inglês, francês, português ou espanhol. Os artigos serão avaliados pelo sistema duplo-cego.

About Journalism – Sur le journalisme – Sobre jornalismo é uma revista indexada nas seguintes bases acadêmicas: EBSCO Communication Source Collection, Archive ouverte en Sciences de l'Homme et de la Société (HAL-SHS), DOAJ, EZB (Elektronische Zeitschriftenbibliothek), Mir@bel, Sudoc, Sumários.org, WorldCat (OCLC), EuroWorldCat (OCLC), European Reference Index for the Humanities and the Social Sciences (ERIH PLUS). Sobre o jornalismo é um periódico qualificado tanto na França (de acordo com o índice HCERES) quanto no Brasil (Qualis-CAPES 2021-2024: A3).

Referências bibliográficas

- Barbosa de Almeida, T. (2022) « Estratégias de visibilidade populista nos media on-line : Um estudo sobre as declarações polêmicas de Jair Bolsonaro na campanha presidencial de 2018. », *Media & Jornalismo*, 22(40), pp. 283-299.
- Berthaut, J. (2013) *La banlieue du "20 heures". Ethnographie de la production d'un lieu commun journalistique*, Marseille, Agone.
- Blee K, Futrell R, Simi P. (2024) « A constellation approach to understanding extremist white supremacy », *Mobilization: An International Quarterly*, 28(4), pp. 435–444.
- Boulianne, S., Koc-Michalska, K., & Bimber, B. (2020). Right-wing populism, social media and echo chambers in Western democracies. *New Media & Society*, 22(4), 683-699.
<https://doi.org/10.1177/1461444819893983>
- Bouron, S. (2025) *Politiser la haine. La bataille culturelle de l'extrême droite identitaire*, Paris, La Dispute.
- Challier, R. (2023) « Peut-on parler de droitisation des classes populaires ? Des usages ordinaires du clivage droite/gauche à l'écart du champ politique », *Sociologie*, Vol 14, n°1, p. 103-110.
- Dahani S. (2021) « Une médiatisation à plusieurs visages. Le cas des dirigeants du Front national », in Desrumaux C., Nollet J. (dir.), *Un capital médiatique ? Usages et légitimation de la médiatisation en politique*, Rennes, PUR, pp. 55-71.
- Dahani S. (2024) « Le Rassemblement National 2.0 Entre professionnalisation de la communication numérique et recherche d'attention journalistique. », *Politiques de communication*, 22(1), pp. 55-89.
- Darras, E. (2019) « Ordre politique et désordre médiatique. Que sait-on de la médiatisation du Front national ? », in Barrault-Stella L., Gaïti B., Lehingue P. (dir.), *La politique désenchantée ? Mélanges en l'honneur de Daniel Gaxie*, Rennes, PUR, pp. 49-65.
- Darras, E. (2025) « Devenir réactionnaire pour un jour ou pour toujours ? Sur l'apport des médias à la banalisation de l'extrême droite. », *Savoir/ Agir*, 66(1), pp. 97-118.
- Ellinas, Antonis A. (2010) *The Media and the Far Right in Western Europe: Playing the Nationalist Card*, Cambridge, Cambridge university press.
- Ferron, B. (2015) *La communication internationale du zapatisme. 1994-2006*, Rennes, PUR.
- Froio, C. (2017) "Nous et les autres L'altérité sur les sites web des extrêmes droites en France", *Réseaux*, 202-203(2), pp. 39-78.
- Gimenez, E. et Voirol, O. (2017) "Les agitateurs de la toile. L'Internet des droites extrêmes. Présentation du numéro", *Réseaux*, 202-203(2), pp. 9-37.
- Haller, A., Holt, K., & de La Brosse, R. (2019). The 'other' alternatives: Political right-wing alternative media. *Journal of Alternative & Community Media*, 4(1), 1-6.
https://doi.org/10.1386/joacm_00039_2
- Iyengar, S. and al. (2019) "The Origins and Consequences of Affective Polarization in the United States", *Annual Review of Political Science*, 22:129–46.
- Kaciaf, N., & Klaus, E. (2024) « Introduction du dossier : Médias : à droite toute ? », *Politiques de communication*, N° 22(1), pp. 5-53.
- Kaiser, J., Rauchfleisch, A., & Bourassa, N. (2019). Connecting the (Far-)Right Dots: A Topic Modeling and Hyperlink Analysis of (Far-)Right Media Coverage during the US Elections 2016. *Digital Journalism*, 8(3), 422–441. <https://doi.org/10.1080/21670811.2019.1682629>
- Le Bohec, J. (2004) *L'implication des journalistes dans le phénomène Le Pen. Volume 1*, Paris, L'Harmattan.

- Lefébure, P., Roche, E. et Sécaïl, C. (2024) « Au nom du pluralisme Polarisation et droitisation de la campagne présidentielle de 2022 dans les médias audiovisuels », *Politiques de communication*, 22(1), pp. 123-160.
- Lehingue, P., Pudal, B., (2026) *Du FN au RN, les raisons d'un succès*, Paris, PUF.
- Leveneur, L., Figeac, J., & Bousquet, F. (2024). *Regards croisés sur la droitisation de la ligne éditoriale de CNEWS : De l'évolution de ses programmes à ses publics*. Communication présentée au Séminaire Télé/Visées, en ligne.
- Lévêque, S. (2000) *Les journalistes sociaux. Histoire et sociologie d'une spécialité journalistique*, Rennes, PUR.
- Louazon, E. (2026), *La « diversité » à l'épreuve des rédactions. Expériences professionnelles de journalistes racisés et LGBT en Belgique francophone*, thèse de doctorat en sciences de l'information et de la communication, Université libre de Bruxelles.
- Marchetti, D. (2010) *Quand la santé devient médiatique. Les logiques de production de l'information dans la presse*, Grenoble, PUG.
- Marques, F. P. J. (2024). Populism and Critical Incidents in Journalism: Has Bolsonaro Disrupted the Mainstream Press in Brazil? *The International Journal of Press/Politics*, 29(4), 825-846.
<https://doi.org/10.1177/19401612231153110>
- Marty, E., Ouakrat, A., & Pacouret, J. (2022) « De Valeurs actuelles à VA+ : L'appropriation des formats et des logiques des réseaux socio-numériques par un média d'extrême droite. », *Quaderni*, 107(3), pp. 99-122.
- Miguel, L. F. (2021). « Despolitização e antipolítica : A extrema-direita na crise da democracia. », *Argumentum*, 13(2), pp. 8-20.
- Neveu, E. (2024) *Sociologie du journalisme*, Paris, La Découverte.
- Noiriel G. (2019) *Le Venin dans la plume. Edouard Drumont, Éric Zemmour et la part sombre de la République*, Paris, La Découverte.
- Orso, M., & Goulart Massuchin, M. (2025) « Humor, teor radical e mimetização do jornalismo: a estética da comunicação digital de extrema-direita no Brasil. », *Cuadernos.Info*, (61), pp. 251–276.
- Rebillard, F. & Smyrniaos N. (2019), « Quelle plateforme de l'information? Collusion socioéconomique et dilution éditoriale entre les entreprises médiatiques et les infomédiaires de l'internet », *Tic&Société*, vol 13, n°1-2, p. 247-293.
- Ruellan, D. (2007) *Le journalisme ou le professionnalisme du flou*, Grenoble, PUG.
- Sécaïl, C. (2024) *Touche pas à mon peuple*, Paris, Seuil.
- Sparrow, J. (2021) “Interviewing the far right is bad, so why do journalists keep doing it?": 'No Platform' from above and below”, *Australian journalism review*, vol 43, n°2.
- Sullet-Nylander, F., Bernal, M., Premat, C. & Roitman, M. (eds.) (2019). *Political Discourses at the Extremes: Expressions of Populism in Romance-Speaking Countries*. Stockholm: Stockholm University Press.
- Tiberj, V. (2024), *La droitisation française. Mythe et réalités*, Paris, PUF.